

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O que eram os santuários gregos?	Jan / 2010
labeca	Uma síntese	1 de 9									

MARINATOS, N.

1993. What were Greek Sanctuaries? A synthesis. In: Marinatos, N. and Hägg, R. *Greek Sanctuaries. New approaches*. Londres, Routledge: 228-233.

[tradução livre: Elaine F. V. Hirata; revisão Labeca]

Primórdios

A história dos santuários gregos reflete o desenvolvimento da sociedade grega. Embora tenhamos bem poucos elementos tangíveis dos seus primórdios, uma investigação é bem valiosa porque os níveis mais antigos podem revelar as práticas culturais que eram mais fundamentais.

Parece que, desde o início, as refeições rituais eram as atividades básicas que se desenvolviam nos santuários. Isto é atestado pelos ossos e equipamentos para comer e beber, tais como cântaros e pratos. Este tipo de evidência usualmente provém dos mais antigos níveis e permanece por séculos (v. Gebhard 1993: 154-77; e Burkert 1993: 178-91). A monumentalização desta atividade é representada, em época tardia, por *hestiatória*: edificações especiais que atendiam às necessidades de refeições rituais pela elite¹. No santuário de Deméter e Core em Corinto as refeições são particularmente bem documentadas. (v. Bookidis 1993: 45-61).

Deve ser enfatizado que comer é um resultado natural do sacrifício, um dos primeiros rituais da religião grega. A importância do sacrifício animal tem sido reiterada por Burkert e outros e não é necessário discutir o seu significado aqui². Mas podemos seguir outro caminho: vamos olhar, não para os restos

¹ R. A. Tomlinson, *Two notes on possible "hestiatoria"*, BSA 75 (1980: 221-8).

² W. Burkert, *Homo Necans, the Anthropology of Ancient Greek Sacrificial Ritual and Myth*, traduzido por P. Bing (Berkeley, 1983).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O que eram os santuários gregos?	Jan / 2010
labeca	Uma síntese	2 de 9									

das refeições, mas para o próprio foco do culto. Christiane Sourvinou-Inwood argumenta, neste volume (1993: 1-17) que, em Homero, o espaço sagrado era definido por um altar. Assim, voltamos novamente para o altar e o sacrifício. Daí acreditar-se que um dos principais focos da religião grega tenha sido o sacrifício e a refeição.

Esta conclusão poderia parecer banal, mas ela é importante quando consideramos que o fenômeno da refeição ritual é trans-cultural. A refeição era a principal atividade de culto em comunidades religiosas tão diversas como as minóicas e as cristãs primitivas³.

No que tange aos mais antigos templos gregos, não parece ter havido um tipo arquitetônico homogêneo na Grécia, nem um desenvolvimento arquitetônico linear a partir da arquitetura da Idade do Bronze. Em Erétria, as mais antigas construções atestadas para Apolo Dafnéforo eram provavelmente meras cabanas, estruturas sazonais que serviam como abrigos temporários para a imagem de culto e demais equipamentos para este fim. Em Creta, nos sítios de Kommos, Prinias e Dreros, os templos eram construções retangulares dotadas de uma lareira. O propósito era certamente a refeição ritual, abrigando apenas uma elite, a julgar pelas modestas dimensões das estruturas. Em Dreros havia, além da lareira, uma imagem de culto tripla, compartilhando simbolicamente uma refeição. Em outras partes da Grécia pode ter acontecido que a casa do chefe (“*chieftain’s house*”), com sua lareira, tenha servido às necessidades de culto da comunidade⁴.

3 N. Marinatos, *Minoan Religion* (New York, 1993); W.A. Meeks, *The First Urban Christians* (New Haven e Londres (1983: 157-162).

4 Para um manual sobre Templos Gregos, ver G.Gruben, *Die Tempel der Griechen* (Munique, 1966: 26 e sg). Gruben usa uma abordagem mecânica e evolucionista que propõe o *mégaron* micênico como o antecedente do templo grego: *Das Megaron, seit zwei Jahrtausenden der Archethypos der ägäischen Architektur, steht wiederum am Anfang der erlauchten Reihe griechischer Tempel* (p. 28). Grubem, portanto, evita a questão de como a forma do templo teria sido concebida. Para uma abordagem diferente, não evolucionista; A.J. Mazarakis-Ainian, *Early Greek temples: their origin and function*, in Hägg, N. Marinatos e G. Nordquist (ed.), *Early Greek Cult Practice* (Stockholm, 1988: 105-19)..

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O que eram os santuários gregos?	Jan / 2010
labeca	Uma síntese	3 de 9									

Tudo isto demonstra que soluções arquitetônicas regionais foram encontradas para abrigar a imagem de culto ou as refeições rituais. A invenção do templo grego *não representa uma mudança drástica na prática do culto, mas sim uma decisão para monumentalizar*. O templo torna-se um emblema da cidade-estado, a verdadeira manifestação de seu poder e prestígio. Há poucas dúvidas de que a inspiração para a forma arquitetônica do templo grego tenha vindo do Oriente Próximo e do Egito. Do Oriente Próximo foi emprestado o conceito da tríade: templo, altar, imagem de culto⁵; do Egito, a técnica e a noção de monumentalidade.⁶ As impressionantes colunas egípcias, em particular, devem ter atuado como estímulo para a concepção do templo grego.

Por volta do séc. VII a.C. havia templos na forma mais ou menos canônica, embora ainda fossem encontradas variações regionais. Mas não podemos nos voltar para esta questão aqui. É mais importante para o nosso objetivo ressaltar outro fato: templos devem ser vistos como uma expressão da identidade da cidade-estado. Como as cidades-estado viviam em guerra umas com as outras, o templo e todo o santuário representam a manifestação de poder e prestígio na estrutura de uma cultura competitiva.

Santuários em uma cultura competitiva

As recentes pesquisas têm reiterado as diferenças entre três categorias de santuários:⁷

Santuários urbanos: são frequentemente situados no centro da cidade ou no topo de uma colina localizada dentro da mesma. Como exemplos, podemos mencionar os templos na acrópole de Atenas, o templo de Atena em

5 W. Burkert, *Greek religion: Archaic and Classical* (Oxford 1985: 88-9).

6 J.J. Coulton, *Greek Architects at Work. Problems of Structure and Design* (Londres, 1977: 32), “Uma explicação (...) é que os gregos reagiram ao estímulo e à habilidade técnica da arquitetura egípcia”.

7 Ver, especialmente, F. de Polignac, *La naissance de La cite grecque. Cultes, espaces et société, VIIIe.-VIIe. siècles avant J.-C.* (Paris, 1984).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O que eram os santuários gregos?	Jan / 2010
labeca	Uma síntese	4 de 9									

Priene ou o templo de Apolo em Corinto; todos são verdadeiros monumentos nacionais representando o poder e o nível de riqueza, assim como a técnica de suas respectivas cidades.

Santuários extra-urbanos: são administrados pela cidade-estado, mas são localizados fora do espaço urbano. Também são monumentos nacionais, mas são destinados a marcar ou a expandir a influência territorial da cidade e agir como centros regionais para o culto. Assim, agregam a população rural sob um culto nacional. Como exemplo, o santuário de Ártemis Braurônia ou o de Poseidon (ou seria de Atena?) no *Sounion* serviam como *foci* da unidade ática sob a supremacia de Atenas. Na Ásia Menor, o santuário de Apolo, em Mileto, estava localizado fora da cidade mas sob o controle dos *Branchiadae*, uma família de sacerdotes milesianos. Catherine Morgan sugere que este santuário teria unido gregos e populações locais não-gregas.

Santuários Inter-urbanos: Nesta categoria incluem-se os santuários pan-helênicos de Olímpia, Delfos e Neméia. Localizavam-se longe das maiores cidades e, embora sob o controle administrativo de cidades-estado vizinhas ou de anfitriões, tinham uma aura de neutralidade. Desta feita, se constituíam em locais ideais para a interação política. Eram os locais em que os gregos podiam encontrar outros gregos em condições de igualdade para competir e estabelecer pactos, consignar a superioridade em competições atléticas, ler a propaganda um do outro, sob a forma de inscrições dedicatórias, inteirar-se das novidades. Não será um exagero afirmar que, sem os santuários pan-helênicos, a cultura grega poderia não ter atingido tal riqueza, decorrente da constante exposição a estímulos e variações regionais. Gregos podiam compartilhar com outros gregos as últimas técnicas e tendências em arte, que traziam de diferentes partes do mundo.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O que eram os santuários gregos?	Jan / 2010
labeca	Uma síntese	5 de 9									

Os santuários eram a arena perfeita para a competição. Como Snodgrass tem assinalado, os templos gregos tornaram-se verdadeiros museus de guerra⁸. O mesmo pode ser dito dos tesouros (frequentemente repletos de botins de guerra) cuja função era claramente propagandística. Os botins de guerra eram, de fato, para ser vistos por todos os santuários, com inscrições apropriadas, especificando o vencedor e o vencido. Quando o grande templo de Zeus foi consagrado em Olímpia, um enorme escudo (um troféu de guerra vencido pelos Eleanos) foi exposto, em posição de destaque, no pedimento. Sobre botim de guerra em *Istmia* (v. Gebhard 1993: 154-77).

Catherine Morgan discute, neste volume (1993: 18-44), a origem dos santuários pan-helênicos. Ela detecta o elemento competitivo ainda nos mais antigos níveis do santuário de Olímpia: pequenas chefias estabelecendo hierarquia por meio da ostentação. Mais tarde, com a emergência da cidade-estado, há uma divisão regional dos santuários pan-helênicos. Olímpia era o mais notável centro dórico e ocidental, Delfos voltava-se para a Grécia do norte e leste. Note-se que Atenas é particularmente bem representada em Delfos, enquanto não há tesouro ateniense em Olímpia. As colônias ocidentais, inversamente, são representadas em profusão em Olímpia, mas de forma marginal em Delfos. Ainda assim, não podemos subestimar o impacto de Delfos moldando políticas por toda Grécia. Tal fato tornou-se especialmente claro durante as Guerras Pérsicas, quando a maioria das cidades voltou-se para Delfos em busca de conselhos.

A influência territorial dos santuários depende, naturalmente, das circunstâncias históricas. Observemos *Istmia*. Era o sinalizador do território coríntio e, depois, um caminho de entrada para o Peloponeso. Não foi por acaso que adquiriu prestígio após as Guerras Pérsicas, quando o Istmo tornou-se uma localidade de significado especial. Devemos lembrar apenas, da assembléia que

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O que eram os santuários gregos?	Jan / 2010
labeca	Uma síntese	6 de 9									

ocorreu lá, depois da batalha de Salamina (v. Gebhard 1993: 154-77).

Outro caso é o santuário de Kábeiroi na Samotrácia, discutido por Burkert (1993: 78-91), neste volume, que ganhou prestígio entre os sécs. IV e III a.C. A arquitetura monumental emergiu sob o reinado de Filipe II da Macedônia e continuou sob Filipe *Arrhidaios* e seus sucessores. Nesta época, edificações eram dedicatórias predominantemente individuais, efetivadas por grandes reis e rainhas.

A competição nos santuários ocorria sob todas as formas, indo de *agónes* musicais e literários às competições atléticas. Os jogos, que se tornaram uma recorrência em todos os santuários pan-helênicos, não podem ter surgido antes do séc. VIII a.C. Alguns especialistas tendem ainda a ver a data de 776 para a Primeira Olimpíada com suspeita e sugerem que as competições atléticas teriam sido uma característica marcante dos sítios pan-helênicos somente no séc. VI a.C. O ano de 776 teria sido uma data fictícia, uma projeção no passado, apenas por razões de legitimidade.

Qualquer que seja o caso, os jogos proporcionavam oportunidades para o estrelato político. Com certeza não era por acaso que os vencedores Olímpicos emergiam como políticos de destaque. Pode-se citar: Cilon, os Pisistrátidas e Milcíades: todos eminentes homens de estado atenienses. As competições atléticas eram não somente um meio de estabelecer superioridade inter-estados, mas também prestígio interno, dentro do Estado.

Além das competições atléticas e da guerra, a arte também era um meio de competição. Já mencionamos a função dos tesouros como personificação das cidades-estado que os dedicaram. Podemos notar também, que não era só o conteúdo dos tesouros, mas também a sua configuração arquitetônica que se constituíam nos elementos da competição. Também os templos podiam desempenhar tal função. Heródoto nos informa que a família ateniense dos

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O que eram os santuários gregos?	Jan / 2010
labeca	Uma síntese	7 de 9									

Alcmeônidas havia financiado o templo arcaico de Apolo em Delfos⁹. Este fato era bem conhecido de todos os gregos e ajudava a ampliar o prestígio ateniense que, em épocas mais tardias, seria representado em Delfos com um tesouro, uma *stoá* e talvez ainda o *thólos* no santuário independente de Atena *Pronaia*.

No que diz respeito à escultura, seu prestígio pode ser medido pelo tamanho bem como pela execução. Não é necessário mencionar as mais apreciadas estátuas, tais como o Hermes de Praxíteles ou a *Níke* de Paionios, em Olímpia. Voltemo-nos para um par menos conhecido: os gigantescos *kouroi* que ladeavam a entrada do *Heraion* de Samos, dedicados por alguma família nobre. Uma estátua tem uma inscrição com o nome do ofertante em sua perna: ISCHES.

Os *kouroi* servem como marcos permanentes do poder de um clã aristocrático particular (v. Kyrieleis, 1993: 125-53). Note-se que o *Heraion* não é um santuário inter, mas extra-urbano. Aqui, a competição não é entre cidades-estado, mas entre aristocratas dentro da própria cidade. O estabelecimento de hierarquia entre a aristocracia era uma questão primordial especialmente no caso de grandes estados tais como Atenas ou Samos, onde havia muitas facções competindo. Neste caso, a evidência literária sustenta a interpretação. A propósito de Samos Heródoto nos relata muitas histórias de lutas indignas entre Polícrates, seu irmão Síloson e seu rival Maeandrius.¹⁰ O momento é o séc. VI a.C., precisamente a época dos *kouroi*. É evidente, portanto, que o *Heraion* constituía-se em uma arena para a competição dos aristocratas.

9 Heródoto [5.62.2].

10 Heródoto [3.140-50].

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O que eram os santuários gregos?	Jan / 2010
labeca	Uma síntese	8 de 9									

Santuários como locais de refúgio (*asyla*)

Uma das mais importantes funções dos santuários era prover asilo aos refugiados políticos. Sinn e Schumacher discutem este tópico neste volume (1993: 88-109 e 62-87). Eles afirmam que a localização de certos locais de culto extra-urbanos era ideal para *asyla* ou sítios de refúgio. Citemos os situados em promontórios ou perto do mar: os santuários de *Poseidon* em *Tainaron* e *Geraistós*, o *Heraion* de Perachora, o santuário no *Sounion*. Tais locais são acessíveis por mar ou terra, por marinheiros ou viajantes terrestres.

Não se considera, com certeza, que tais santuários tenham sido fundados como *asyla*. Antes, podemos supor que, com o tempo, certos sítios tornam-se ideais por conta de sua localização. Schumacher enfatiza que *Tainaron* preenchia o papel de *asylon* para os hilotas. Neste caso, o santuário assume uma função relacionada a uma situação sócio-política específica. De qualquer forma, a presença de *asyla* era necessária pelas constantes guerras e disputas entre facções, que tanto caracterizavam a cultura grega. Uma função similar era preenchida pelos monastérios na Idade Média.

A organização espacial dos santuários prestava-se ao uso por refugiados e soldados acantonados. Sinn divide o espaço do santuário em duas zonas. A mais estreita é o tradicional témeno, situada ao redor do altar e templo. A segunda zona é mais ampla, mas também é sagrada. Sinn a chama de “campina-sagrada”; é nesta área que ocorrem os banquetes, mas os refugiados também podem aí se abrigar, se necessário. Santuários com amplas “campinas-sagradas” e uma localização geográfica proeminente tornam-se *asyla* ideais. Exemplos: *Bassae*, *Ithome*, *Maleatas* e *Thérmos*, na Etólia. A este último sítio, afirma Sinn, os habitantes podiam levar e abrigar seus rebanhos. As substanciais provisões de água no santuário de Hera, em Perachora, poderiam ser explicadas se o sítio tivesse sido usado por refugiados durante longos períodos de tempo.

